

Uma Nova Cultura Escolar: a implementação de espaços e de mobiliários no Grupo Escolar de Lavras – MG

Jardel Costa Pereira¹

Jefferson da Costa Moreira²

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a investigar e a compreender a implementação dos mobiliários escolares na instalação do Grupo Escolar de Lavras, cidade localizada na Região Sul do Estado de Minas Gerais, a partir da reforma da educação pública primária iniciada no governo João Pinheiro no ano de 1906. Neste estudo, será utilizada a metodologia bibliográfica e documental³ para fundamentar as reflexões apresentadas, considerando como principais referenciais Faria Filho (2000; 2002), Gatti Júnior (2000) e Costa (1907; 1908; 1913). A partir disso, ao percorrer esse itinerário educacional, observou-se que os resultados apontaram que esse grupo escolar acompanhou a ordenação de uma nova cultura escolar, rica e complexa, com os elementos que a compõem como um fenômeno que educa, seja por meio dos tempos, dos espaços, dos sujeitos e dos conhecimentos escolarizados.

Palavras-chave: Grupo Escolar. História da Educação. Mobiliário Escolar.

1 Doutorado em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Pós-doutorando pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, na Unidade Acadêmica de Leopoldina. Pesquisador nas áreas: Instituições Escolares, Filosofia e Práticas Pedagógicas; História da Educação Brasileira (séculos XIX e XX); Cultura Escolar, dentre outras. Membro fundador do Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas de História e Educação (GIEPHE), da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Membro do Grupo de Pesquisa em História da Educação (GEPHE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Núcleo de Pesquisas da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG). Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0978-2873>. E-mail: jardelcostper@gmail.com.

2 Graduando em Filosofia na Universidade Federal de Lavras (UFLA), na modalidade de licenciatura. Integra o Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em História da Educação (GIEPHE/UFLA) e o Grupo de Pesquisa Movimento, Sabedoria, Ideias e Comunhão (MOSAICO/UFLA). Bolsista PIVIC/UFLA. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0612-4296>. E-mail: jeffcostmoreira@gmail.com.

3 Optou-se por manter a grafia original presente nos documentos que foram pesquisados e transcritos neste artigo.

A New School Culture: the implementation of spaces and furniture in the School Group of Lavras – MG

ABSTRACT

This research aims to investigate and understand the implementation of school furniture in the installation of Grupo Escolar de Lavras, a city located in the southern region of the State of Minas Gerais after the reform of primary public education initiated in the João Pinheiro government in 1906. Are benefited in this study, for the substantiate the reflections presented, the bibliographic and documentary methodology, considering the main references such as Faria Filho (2000; 2002), Gatti Júnior (2000) and Costa (1907; 1908; 1913). From that, as we went through this educational itinerary, the results showed that this school group followed the ordering of a new school culture, rich and complex, with the elements that compose it as a phenomenon that educates, whether through time, spaces, subjects and schooled knowledge.

Keywords: School Group. History of Education. School Furniture.

Una Nueva Cultura Escolar: la implementación de espacios y muebles en el Grupo Escolar de Lavras – MG

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo investigar y comprender la implementación del mobiliario escolar en la instalación del Grupo Escolar de Lavras, una ciudad ubicada en la región sur del estado de Minas Gerais después de la reforma de la educación pública primaria iniciada durante el gobierno de João Pinheiro en 1906. Son privilegiados en este estudio, para apoyar las reflexiones presentadas, la metodología bibliográfica y documental, considerando las principales referencias como Faria Filho (2000; 2002), Gatti Júnior (2000) y Costa (1907; 1908; 1913). Con base en eso, a medida que avanzamos en este itinerario educativo, los resultados mostraron que este grupo escolar siguió el orden de una nueva cultura escolar, rica y compleja, con los elementos que la componen como un fenómeno que educa, ya sea a través del tiempo, espacios, asignaturas y conocimiento escolar.

Palabras Clave: Grupo escolar. Historia de la Educación. Mobiliario Escolar.

Introdução

Este trabalho debruçou-se sobre a educação pública primária mineira no período que vai dos primeiros anos ao final da segunda década do século XX, quando houve a afirmação de uma nova forma escolar no Estado de Minas Gerais. Sendo assim, investigou-se a organização de alguns espaços e seus mobiliários do primeiro Grupo Escolar da cidade de Lavras, a partir da reforma das escolas públicas primárias que ocorreu no Governo de João Pinheiro em 1906.

Entre os sujeitos recrutados para ocupação, organização e funcionamento do tempo e do espaço escolar, encontravam-se o diretor, os professores, os alunos e os demais funcionários. Atento à importância do resgate de todos esses atores sociais, foi de suma importância os escritos do diretor Firmino da Costa Pereira, já que foi por meio deles que se obteve parte das informações necessárias para a construção da organização do Grupo Escolar de Lavras, chegando ele próprio a indicá-los como referência:

Nos relatórios anteriores, que mereceram, todos eles, a honra da publicação oficial, tive os assumptos tinentes ao ensino primario. Esses meus estudos, graças à patriótica cooperação do governo estadual, têm sido de anno para anno postos em pratica no grupo escolar, que desde sua instalação, em 1907, venho dirigindo nesta cidade. (JORNAL MINAS GERAES, 1918, grifos nossos)

Os relatórios de Firmino Costa foram relevantes para a divulgação da importância do desenvolvimento da escolarização em Minas Gerais, principalmente por intermédio da imprensa, de livros, de revistas especializadas, além do periódico por ele criado, *Vida Escolar*, fonte principal para a escrita deste artigo.

Dessa forma, ao estudar a história do Grupo Escolar de Lavras, surgiu a ideia de contribuir de alguma forma para ampliar o conhecimento da população sobre o movimento de constituição de uma nova cultura escolar em Minas Gerais, movimento este experimentado nas duas décadas iniciais do século XX, pois, como afirma Faria Filho (2002 p. 34):

[...] é dessa escola que somos herdeiros, tanto quanto somos herdeiros e construtores da sociedade em que

ela se insere. É possível reinventá-la? Uma resposta positiva a esta questão é o que tem movido um grande número de estudiosos e professores ainda neste início de século XXI. Tal perspectiva tem perpassado os estudos históricos que, à sua maneira, têm contribuído em tal façanha buscando entender as várias formas de constituição da escola na sociedade brasileira.

As interpretações presentes no desenvolvimento de investigações no campo da história das instituições educacionais constituem a possibilidade de escrita de uma história da educação brasileira que seja capaz de considerar as particularidades regionais e as singularidades locais e institucionais, fundamentada em um conjunto de estudos monográficos rigorosos e criteriosos, elaborados, paulatinamente, nas diversas regiões brasileiras.

A história da educação brasileira tem sido reescrita em consequência do volume e da qualidade das pesquisas que têm sido feitas ultimamente, nomeadamente com a utilização de fontes primárias, o que poderá gerar novas sínteses que especifiquem os processos educacionais criados na imensidão que é o território brasileiro (GATTI JÚNIOR, 2000, p. 146).

A reforma do ensino primário de 1906: uma nova cultura escolar em Minas Gerais

Em 1906, João Pinheiro da Silva assumiu o cargo de presidente do Estado de Minas Gerais e nomeou Manoel Tomás Carvalho de Brito titular da Secretária do Interior, responsável pela instrução pública. Devido à precariedade da Instrução Pública primária que ainda persistia nas “Escolas Isoladas” em razão dos baixos investimentos, as autoridades perceberam a necessidade de transformar um povo ignorante e sem cultura em pessoas instruídas e civilizadas, garantia consequente do progresso da nação republicana. Somando-se a esses fatores, encontrava-se ainda a existência de um movimento que vinha exigindo reformas no sistema educacional desde a Proclamação da República em 1889, o que fez com que esse governo colocasse em marcha a reforma do ensino primário.

Com a Lei n. 439, de 28 de setembro de 1906, que autorizava o governo estadual “[...] a reformar o ensino primário, o normal e o superior

do Estado”⁴ (MINAS GERAIS, 1906) e fixava as diretrizes genéricas, permitiu-se que se baixassem decretos que regulamentassem as mudanças na instrução primária. O Decreto n. 1.947, de 30 de setembro de 1906, aprovou o novo programa do ensino primário, e o Decreto n. 1.960, de 16 de dezembro de 1906, aprovou outro regulamento para a instrução primária e normal de Minas Gerais.

A principal novidade trazida por essa Reforma foi a instituição dos grupos escolares como nova forma de organização do ensino primário. Em 11 de novembro daquele ano, instalou-se o primeiro Grupo Escolar de Minas, em Belo Horizonte, formado a partir da agregação de escolas isoladas. Dessas escolas, deveriam ser aproveitados os professores disponíveis que, formados na Escola Normal, estariam classificados em três categorias: efetivos, adjuntos e substitutos.

O Regimento Interno dos grupos escolares foi aprovado pelo Decreto n. 1.970, de 3 de janeiro de 1907, e a Lei de 28 de setembro de 1906 estabeleceu diretrizes para o ensino público em geral e normas especiais para os cursos primário e normal. Entre as principais novidades, encontrava-se a tentativa de impor a obrigatoriedade da matrícula e de frequência da criança no ensino primário, que deveria ser gratuito e difundido em todas as regiões do Estado.

A Reforma propunha a criação facultativa de cursos técnicos no ensino primário, com proposta de auxílio aos alunos pobres que revelassem aptidões, possibilitando-lhes matrícula gratuita no Ginásio Mineiro ou em estabelecimentos equiparados.

Decretou-se, também, a criação de uma Escola Normal modelo, em Belo Horizonte, e de escolas normais regionais, que tinham como objetivo formar “bons professores”, com “qualidades pedagógicas indispensáveis”. Eles seriam fiscalizados por uma inspeção escolar em suas práticas pedagógicas, as quais deveriam ser baseadas no novo programa escolar, constituído de um método simples, prático e intuitivo.

Na reforma do ensino de 1906, previu-se tanto a construção, ou a adaptação e preparação dos prédios escolares, como a prescrição de

4 Nas cidades com número insuficiente de habitantes para a abertura de um Grupo Escolar com quatro salas de aula, continuariam funcionando as escolas isoladas públicas regidas por um programa de ensino específico, elaborado a partir da reforma de 1906. As escolas isoladas particulares também continuaram funcionando nas pequenas localidades e nas fazendas. Um artigo de Jacintho de Almeida, professor do Grupo Escolar de Lavras, relata que a situação dessas escolas particulares era a seguinte: não seguiam o programa de ensino, ministravam o ensino religioso e faziam ainda o uso da palmatória, além disso eram regidas por professores incompetentes (COSTA, 1908, p. 2-3).

um novo programa, com as “matérias” a serem ministradas e, ainda, as instruções de como elas seriam ensinadas e qual o método a ser utilizado para garantir o aprendizado dos alunos.

O novo programa prescrito (Decreto n. 1.947, 1906) incluía Leitura, Escrita, Língua Pátria, Aritmética, Geografia e História do Brasil, Instrução Moral e Cívica, História Natural, Física e Higiene, Trabalhos Manuais, Exercícios Físicos e Música Vocal. O programa era dividido entre quatro séries (ou anos) e as disciplinas ou matérias⁵ eram distribuídas por semestre.

Iniciou-se também a execução do Programa do Ensino Público Primário que adotou os métodos intuitivo⁶ e simultâneo⁷ com um ensino concêntrico⁸ – como no Estado de São Paulo. Ao analisar essa reforma, Faria Filho (2000) a caracterizou como um movimento de afirmação de uma nova forma de cultura escolar em que a reorganização da instrução primária com a criação dos grupos escolares significou,

[...] fundamentalmente, uma estratégia de atuação no campo do educativo escolar, moldando práticas, legitimando competências, propondo metodologias, enfim, impondo uma outra prática pedagógica e social dos profissionais do ensino através da produção e divulgação de novas representações escolares. (FARIA FILHO, 2000, p. 37)

Tratava-se do resultado de um movimento que já ocorrera nos Estados Unidos (1860), França (1868), Inglaterra (1870), Espanha (1898).

5 A palavra “matéria”, às vezes, era utilizada para designar os conteúdos a serem ensinados, mas também tinha o mesmo sentido que “disciplina”, como conteúdo de estudo. Como a palavra disciplina pode também designar ordem, organização, optou-se pela palavra “matéria” para referir-se a determinado conjunto de estudo, mas deve-se ficar atento quando a palavra “disciplina” for expressa como “matéria” por Firmino Costa ou pelo Programa de Ensino.

6 Esse método foi criado na Alemanha (final do século XVIII) por Basedow, Campe e Pestalozzi, que sofreram forte influência de ideias e da pedagogia de filósofos da época (Bacon, Locke, Hume, Rosseau, Rabelais, Comenius, Froebel e outros). Considerava-se como fundamento de todo conhecimento a intuição, a faculdade pela qual se adquiria conhecimento pelos sentidos e pela observação do objeto, que deveria ser abordado de maneira indutiva, partindo do particular para o geral ou, desconhecido o objeto, passava-se a conhecê-lo, indo do concreto para o abstrato (SOUZA; VALDEMARIN; ALMEIDA, 1998). Essa maneira de abordar encontrava-se no manual *Lições de Coisas*, que orientava os pais, professores e alunos a como ensinar pelo Método Intuitivo (RESENDE *et al.*, 2002, p. 442).

7 A criação desse método é atribuída a Jean-Baptiste de la Salle. Por esse método, o ensino deveria ser ministrado coletivamente para um grupo de 40 ou até 60 alunos num único momento, quando o professor era quem apresentava a matéria a ser estudada. Esse método tornou-se mais conhecido a partir do final do século XVII, diferenciando-se do método individual, que se ensinava a um único aluno (FARIA FILHO; BASTOS; 1999).

8 O programa do ensino das matérias abrangia todas as matérias, concomitantemente, numa mesma série e em séries que se seguiam imediatamente a outra.

No Brasil, aconteceu primeiramente no Estado de São Paulo (1893) e, em seguida, no Rio de Janeiro (1896). O processo de instalação dos primeiros grupos escolares em São Paulo foi explorado por Rosa Fátima de Souza que o denominou “a universalização do ensino primário”, quando “[...] a escola primária foi ‘(re)inventada’: novas finalidades, uma outra concepção educacional e uma outra organização do ensino” (SOUZA, 1998, p. 21).

Ressignificando os prédios: produzindo um outro espaço escolar

Quanto ao local onde funcionaria o Grupo Escolar, um dos aspectos diz respeito ao Programa Oficial do Governo que traçou normas de construção e de adaptação dos primeiros prédios que deveriam obedecer a regras de higiene. Para Firmino Costa, a profilaxia seria a medicina do futuro que marcaria definitivamente a diferença das escolas de antes e depois da Reforma João Pinheiro: “É dos nossos dias a escola instalada em sala pequena, escura, mal iluminada, paredes brancas de cal onde os raios de sol reverberam nos olhos da meninada um excesso de luz que offusca [...]” (COSTA, 1907, p. 1). Esse relato informa que a precariedade das escolas atingia não somente as escolas isoladas que funcionavam em casas particulares, mas também se fazia presente nas escolas primárias que tinham espaço próprio e público.

A reforma dos prédios mostra a transformação da *Casa do Colégio* e da *Casa de Instrução* – termos análogos à casa de Deus, à casa do comércio e à casa de família – que se distinguiam das demais casas e se transformariam em um único prédio, agora para abrigar o novo modelo, o Grupo Escolar⁹, que deveria seguir um único regulamento, respeitando princípios de higiene: as salas espaçosas¹⁰, a luz natural entrando pelo plano lateral esquerdo, graças às janelas altas e largas e “[...]”

9 Faria Filho (2000), ao acompanhar o movimento de escolha do nome que melhor expressaria essa mudança, lembra que a denominação “grupo escolar” no início foi rejeitada por dar a ideia de reunião de escolas, o que não representava a verdadeira identidade que se queria imprimir à nova instituição escolar que era de uma escola inserida na cidade, no mundo urbano, fazendo parte de um processo de modernização e urbanização. Na cidade de Lavras, onde já existia um agrupamento das escolas isoladas na “Casa de Instrução e do Colégio”, com a reforma de 1906, foi preciso abarcar os dois prédios, em um quarteirão, para transformá-los em grupo escolar, o que representou, além de uma materialização de modernização, a realização dos ideais republicanos de progresso (FARIA FILHO, 2000, p. 38).

10 No Grupo Escolar de Lavras, as salas não tiveram uma similitude. O tamanho variava de 7 a 9 metros de comprimento por 4 a 8 metros de largura, e algumas possuíam duas, três e, até mesmo, seis janelas.

todos os compartimentos são forrados e assoalhados, com janelas envidraçadas, as paredes pintadas de azul ou de verde-claro [...]” (COSTA, 1907, p. 1), deixando-as mais coloridas e, ao mesmo tempo, reforçando a claridade.

Seguir os preceitos higiênicos tornou-se uma preocupação obsessiva das autoridades republicanas a partir do momento em que se reuniram, em um único lugar, centenas de crianças. A arquitetura, a distribuição do tempo, o programa de ensino e o código de disciplina deveriam funcionar para que esses preceitos fossem cumpridos e atingissem os corpos das crianças, como afirmou Vago (2002, p. 93): “A tentativa era, enfim, a de civilizar os seus corpos, representados como portadores ambulantes dos vícios e males que se queria combater”.

Com a reforma e a adaptação, cada prédio ficou com uma única entrada, separados por um muro: “A entrada principal do edifício fica do lado da Rua Mata-Cabrilo,¹¹ em um muro que liga os dois prédios, havendo na mesma rua também uma porta de entrada para a casa do fundo” (COSTA, 1907, p. 1). Nessa perspectiva, no primeiro prédio, que antes era a *Casa de Instrução*, funcionariam as aulas para alunas do sexo feminino e na antiga *Casa do Colégio*, que ficava nos fundos, funcionariam as aulas para os alunos do sexo masculino.

Ambos possuíam o seu pátio de recreio com alpendres cimentados e banheiros. No primeiro edifício concentrou-se a sala do diretor, onde ficava um toucador¹² para as professoras, e, entre as cinco salas, havia outra destinada aos trabalhos manuais e um jardim para as meninas. No segundo, havia uma saleta de entrada, outro toucador e cinco salas de aula, além da sala destinada ao museu escolar.

A resignificação produzida nos espaços que eram, até então, da “Casa de Instrução” e da “Casa do Colégio” indicia o surgimento de uma nova cultura escolar que teve o seu marco inicial na mudança das estruturas dos edifícios, inaugurando-se outro momento em que os republicanos utilizaram a reforma educacional como propaganda que abarcou a ocupação dos espaços, chamando e despertando a atenção para a existência de um lugar próprio para a educação das crianças.

Do início da reforma do prédio para acolher a nova instituição escolar ao momento de instalação e inauguração, transcorreram-se de

11 Atual Rua Barbosa Lima.

12 Espécie de cômoda encimada por um espelho e que serve a quem se touca ou se penteia.

quatro a cinco meses de preparação. Em ofício enviado ao secretário do Interior, Manoel Tomaz de Carvalho Brito, em 3 de fevereiro de 1907, Firmino Costa relatou:

Comunico-lhe que o Grupo Escolar de Lavras não poderá instalar-se em 1º de março, conforme era seu desejo. Os serviços de adaptação do prédio são grandes, e pelo calculo do administrador das obras elles só ficarão concluidos em fins de março. Parece-me conveniente que o Governo trate desde já da remessa da mobília e mais utensílios para o Grupo. São precisas 150 carteiras para 300 alumnos. [...] Dr. Gammon oferece para fazer as carteiras. (SECRETARIA DO INTERIOR, 1907)

Com efeito, várias vezes, sua inauguração foi adiada em decorrência da falta de materiais que dependiam da Secretaria do Interior, como mostra o ofício enviado pelo futuro diretor do Grupo Escolar Firmino Costa à Secretaria do Interior, em 8 de abril de 1907:

[...] Devia eu installar o Grupo no dia 22 do corrente, mas não o posso fazer pela falta de remessa das carteiras e do material escolar [...] Espero que V. Excia. se digne providenciar com toda a urgencia para se poder installar o Grupo, visto como começa a produsir mau effeito ao publico a demora da inauguração, quando o predio já se acha completamente adaptado, tendo-se a Camara Municipal esmerado em tornal-o o mais proprio possivel aos fins a que ele se propõe. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2829, 1907)

Depois da transformação do espaço físico, com a produção de outra arquitetura para abrigar o Grupo Escolar, houve a sua ocupação com objetos e símbolos dos ideais republicanos, como a bandeira nacional, que deveria ser hasteada todos os dias, tendo sido colocada uma haste “na sacada [da] terceira sala.” (COSTA, 1907, p. 4).

No salão de entrada, no prédio onde funcionaria as aulas do sexo feminino, além de uma “[...] mesa grande, cadeiras austriacas, uma estante, uma mesinha com uma caixa métrica [...]”, foram colocados também “um globo geographico, e nas paredes – quadros de museu escolar, mappa geomettrico e outros mapas [...]” (COSTA, 1907, p. 4), tendo muito mais suntuosidade do que a entrada do prédio destinado aos meninos.

Além das carteiras americanas, simples ou duplas, nas salas de aula, havia

[...] uma mesa de gaveta com cadeira e estrado para o professor, um quadro negro mural, uma talha d'água potável, um tympano de mesa, uma cesta para papéis, um tinteiro com descanço-caneta e outros pequenos utensílios escolares, existindo nas paredes um mappa do Brasil, um do Estado e outro da viação ferrea do Oeste e Sul de Minas. (COSTA, 1907, p. 4)

Esses objetos tinham como objetivo afirmar e expressar a cultura escolar que se queria impor.

As salas foram ocupadas igualmente, tanto para os meninos quanto para as meninas, mas outros objetos e o local em que foram colocados determinavam a separação e a especificidade para cada sexo:

No salão de entrada ha [...] um porta-guarda-chuvas com cabides para as meninas [...] e na entrada do predio do fundo encontram-se uma mesinha com cadeira para o porteiro e um porta-guarda-chuvas para os meninos. No alpendre do predio da frente fica um lavatorio com toalha para as meninas, e no alpendre do outro predio, alem do lavatorio para os meninos, ha quatro ordens de cabides numerados. (COSTA, 1907, p. 4)

No primeiro prédio havia um porteiro que ficava na entrada comunicando-se com o diretor por meio de uma campainha ligada ao seu gabinete, localizado no prédio das meninas, que também tinha uma sineta elétrica no salão da frente. Em seu escritório havia “[...] cadeiras [...] mesas, armario com objectos escolares, relógio, quadro com a planta da cidade, mappa [do municipio de Lavras] e outros mappas.” (COSTA, 1907, p. 4).

Parte do material escolar que Firmino Costa reclamou em abril de 1907 foi adquirida em junho daquele ano, como mostra a nota de compra. A propósito, a compra foi feita na Casa Comercial Firmino da Costa Pereira, de propriedade do diretor¹³. O orçamento foi enviado à Secretaria do Interior e o pagamento foi autorizado pelo Governo do Estado, conforme apresentado no Quadro 1.

¹³ Esse fato indica que com a morte de seu pai, capitão Antônio José da Costa Pereira no ano de 1899, Firmino Costa tornou-se o proprietário do estabelecimento.

Quadro 1 – Nota de compra de material escolar reclamada por Firmino Costa em abril de 1907

CASA COMMERCIAL DE FIRMINO DA COSTA PEREIRA
Fazendas, armarinhos, chapéus, roupas feitas, calçado, livros, papel, ferragens.
 Praça municipal – Cidade de Lavras – Minas
 Lavras, 26 de Junho de 1907.
 Sr. Grupo Escolar de Lavras Compr _____
 A prazo de mezes e na falta, mais o premio de um por cento ao mez pelo tempo que se conceder.

v	8	Tympanos electricos		v	102.	000
v	6	Caixas de giz branco	3500	v	21.	000
v	1	Caixa de giz de cor		v	6.	000
v	2	Caixas de lapis para lousa	1500	v	3.	000
v	1	Grossa de cannetas		v	5.	500
v	8	Duzias de lousas	8500	v	68.	000
v	2	Baldes para agua		v	7.	300
v	2	Pares de maringas	6000	v	12.	000
v	1	Pasta de oleado para papeis		v	6.	000
v	2	Novelos de fio de cor	600	v	1.	200
v	8	Tinteiros americanos		v	34.	000
v	1	Escrevaninha nichelada		v	28.	000
v	6	Copos com pé		v	5.	000
v	1	Duzia toalhas de algodão		v	10.	000
v	2	Vassouras americanas	2800	v	5.	600
v	4	Espanadores de cabelo	4600	v	18.	400
	5	Livros em branco 1/2500 3/3500 1/4500		v	17	500
	40	Cartilhas Nacionais	240	v	9	600
	30	Hilario, 2º livro	400	v	12	000
	50	Cadernos grupo escolar	160	v	8	000
v	1	Tesoura		v	4	500
v	1	Grossa de lapis para papel		v	8	500
v	1	Descanço cannetas		v	2	200
					395	300
1907		Transporte			395	300
	1	Carimbo de borracha			10	000
	5	Maria Guilhermina – Segundo Livro	2700		13	500
					418	800
	8	Toalhas e frute			96	000
	2	Duzias de cadeiras			290	000
Maio 10	2.70	Ms. de oleado	7000		16	900
	4.40	Ms. de setimela	1000		4	400
	1	Maço de taxas				700
	8	Canecas ferro agath			6	400
					833	200

Recebemos da Câmara Municipal desta cidade a importância de oitocentos e trinta e tres mil e dusetos réis.
 Para seu documento passamos este e outro em duplicata com um só effeito.
 Lavras, 26 de Julho de 1907. Carvalho Costa

Fonte: Secretaria do Interior (1907)

Mesmo não estando prontas as obras de adaptação do prédio, pois faltava ainda muito material, desde móveis até livros didáticos, a inauguração do Grupo Escolar foi marcada para 13 de maio de 1907, e,

com o passar do tempo, o Grupo foi se configurando conforme previa o Programa de Ensino dos Grupos Escolares, sendo aqui escolhido alguns tópicos dessa materialização, o Museu e a Biblioteca, que tiveram uma circulação de mobiliários escolares para espaços específicos.

Os objetos museológicos e a materialização do ensino

Na reforma do prédio para a instalação do Grupo Escolar de Lavras, uma sala foi reservada para o funcionamento do “museu” no edifício onde funcionariam as aulas do sexo masculino. No salão do museu, caso fosse espaçoso, poderia funcionar também a biblioteca, e ambos contariam com a ajuda de donativos, sendo que o dinheiro da Caixa Escolar somente poderia ser utilizado para a aquisição de livros e a aquisição de objetos para o museu deveria ser feita pelos próprios alunos. O Sr. Bernardino Maceira ofereceu o primeiro donativo: “uma collecção de 50 amostras de madeiras” do município de Lavras.

No relatório de 1908, Firmino Costa informou à Secretaria do Interior que o museu escolar não havia sido desenvolvido como ele queria, sendo que a instalação aconteceu somente em 1909:

[...] Museu [...] Para o museu escolar tenho conseguido alguns objectos. Como talvez seja fácil ao governo do Estado dotar o museu do grupo com algumas copias de quadros de nossa historia fotografias de brasileiros illustres e vistas de capitaes e cidades do Brasil, venho solicitar-vos esse valioso auxilio. (COSTA, 1908, p. 2)

O inspetor escolar Antonio Baptista dos Santos, quando enviou um relatório de inspeção de março de 1910 ao secretário Estevam Leite de Magalhães Pinto, fiscalizando o prédio do Grupo Escolar, registrou que a biblioteca já possuía muitos livros didáticos e pedagógicos de autores diversos, mas o museu contava com poucos objetos.

Em 1911, Firmino Costa diz ter gasto 8\$000 do dinheiro da Caixa Escolar adquirindo materiais para a biblioteca e para o museu, demonstrando que ele não cumpriu o que o regimento interno dos grupos escolares prescrevia, ou seja, a aplicação de recursos deveria ser somente para a aquisição de livros.

O programa de ensino prescreveu alguns objetos que deveriam fazer parte do Museu escolar, como “produtos agrícolas e industriais,

plantas, animais, minérios etc.” sendo que Firmino Costa, no relatório de 1912, elencou outros objetos que ele denominou “material didático útil para a transmissão do método intuitivo”:

Não podendo, porém, ir longe este processo directo do methodo intuitivo, revela servir-se tambem do processo indirecto para a organização do museu escolar. Além dos materiaes enumerados no regulamento da instrucção, parece-me serem necessarios ao museu os seguintes: gravuras coloridas para descripções oraes e escriptas; relogio escolar para conhecer as horas; mappamundi, planisferio e mappas das partes do mundo; vistas das principaes cidades do Brazil; diagrammas chorographicos de nosso paiz; quadros da historia patria e photographias de brasileiros illustres; maximas impressas de instrucção moral e civica; quadros contendo prescripções de hygiene, etc. (COSTA, 1913, p. 19)

Nesse mesmo ano foi publicado no livro de Firmino Costa, denominado *O Ensino Popular*, um artigo intitulado *Museu Escolar* em que o diretor, de maneira bem expressiva, caracterizou o museu como o corpo do ensino, especificando inúmeros materiais didáticos que poderiam fazer parte do programa de ensino, facilitando o aprendizado dos alunos:

[...] gravuras coloridas para descripções oraes e escriptas; relogio escolar para conhecer as horas; um mapa-mundi, um planispherio e mappa das cidades principaes do Brazil e de Minas; diagrammas chorographicos de nosso paiz; quadros de historia pátria e photographias de brasileiros illustres; máximas impressas de instrucção moral e civica; quadros contendo prescripções de hygiene, etc.’ (COSTA, 1913, p. 57)

No parecer do diretor, o Museu deveria fornecer recursos para que o ensino se tornasse o mais concreto possível, desde materiais utilizados pelos professores em sala de aula até “quadros de propaganda”, que deveriam ser espalhados pelos espaços escolares para ilustrar as várias formas de higiene que os alunos deveriam praticar:

Quando elle [o professor] dispuzer de um bom museu, como os viajantes das casas commerciaes dispõem, para os seus negocios, de um bom mostruario, só então o ensino primario terá preenchido cabalmente o seu fim. Ao governo estadual, auxiliado talvez pelas camaras municipaes, cabe dar ás escolas esse novo

impulso, fornecendo-lhes bons museus escolares.
(COSTA, 1913, p. 58)

Na aplicação desses recursos pedagógicos, o diretor escreveu, mostrando os recursos adquiridos no Grupo Escolar em 1913, e apresentou o próprio Grupo Escolar como um museu, com as paredes das salas de aula revestidas de mapas, quadros e fotografias para facilitar a aplicação do método intuitivo. No ano seguinte, muitas doações foram citadas no oitavo relatório enviado à Secretaria:

O museu escolar, que tão valioso auxilio presta ao ensino, foi enriquecido, no correr do anno, por varias dadas e aquisições. Do illustrado dr. Costa Sena, director da Escola de Minas, e do distincto engenheiro d. Maximiliano Escobar, receberam-se duas magnificas coleções mineralogicas. O prestimoso cidadão dr. Antonio Hermeto offertou diversas amostras de productos mineraes do municipio. O esforçado director do campo de demonstração desta cidade, sr. Agenor Correia, offereceu uma collecção de amostras de insecticidas e de adubos chimicos, devidamente acondicionados em vidros proprios. Uma esplendida collecção de amostras de café classificados e uma bellissima collecção de amostras de madeiras foram enviadas ao Rio pelo digno director da Agencia Geral das Cooperativas Agricolas, o sr. A. J. da Costa Pereira. O illustre filho de Lavras, sr. Gustavo de Aquino, teve a gentileza de mandar de São Paulo uma preciosa collecção de dezeseite mappas historicos e quatro albums historicos de cartões postaes. O illustre sr. Coronel Augusto Salles, que no anno passado fez a importante dadiva de 25 pequenas carabinas, obsequiou o museu com uma collecção de moedas de prata, nickel e cobre. A exma. sra. d. Adelia Moraes fez presente de uma collecção de moedas de cobre. O benemerito lavrense, coronel Pedro Salles, concorreu com uma collecção de medalhas artisticas, contendo a effigie dos presidentes da Republica. Do sr. Tenente Arnaldo Cruz, considerado commerciante nesta cidade, obtiveramse quarenta cartões impressos, com os Deveres do alumno. O hábil desenhista sr. Anthenor Ministerio enviou dois mappas do Brasil, além de haver confeccionado uma planta e orçamento para a construcção de uma columna, destinada á Bandeira nacional. O sr. Otto Michalick fez gratuitamente não poucas inscrições no 'Salão Dr. Jorge', patenteando, por esta fórmula seu espirito generoso alliado á sua competencia de

pintor. Outras aquisições foram feitas como sejam as seguintes: collecção de quadros de gymnastica, idem de quadros sobre os primeiros socorros em casos de accidente, quadros referentes ao alcoolismo, quadros sobre o valor nutritivo dos alimentos, quadro sobre o cuidado dos dentes, uma collecção de imitações de pedras preciosas, outra de conchas, um thermometro, um relógio escolar, uma planta da Capital Federal, uma série de cartões postaes, diversos quadros com retratos e vistas, mappas geographicos, uma Bandeira nacional, modelos de dobramento de papel, cartões com amostras etc. (COSTA, 1913, p. 58)

Considerando um meio importante e eficaz para a execução do programa de ensino, o diretor apresentou, em 1915, para a aprovação da Secretaria do Interior e como prestação de serviço, uma divisão de objetos que comporiam um Museu Escolar e que os outros Grupos Escolares poderiam classificar e adquiri-los:

I. Arithmetica e geometria.

Carta de Parker. 2. Contador mecanico. 3. Balança com uma colleção de pesos. 4. Medidas metricas. 5. Nivel e prumo. 6. Mappa de systema metrico. 7. Relógio escolar. 8. Collecção de moedas. 9. Mappa geometrico. 10. Solidos geometricos. 11. Estojo de desenho.

II. Geographia e historia 1. Planta da localidade escolar e vistas da mesma. 2. Mappas do municipio da escola, de Minas e do Brasil. 3. Mappas da America do Sul e as partes do mundo. 4. Mappa-mundi, planispherio e panorama geographico. 5. Globo geographico. 6. Vistas das principaes cidades mineiras e brasileiras. 7. Bussola. 8. Objectos historicos da séde escolar. 9. Armas e utensilios de indios. 10. Collecção de mappas historicos do Brasil. 11. Retratos de brasileiros illustres. 12. Retratos de estrangeiros illustres. 13. Copias de quadros historicos de Pedro Americo, Victor Meirelles, Aurelio de Figueiredo, Bernardelli, Eduardo de Sá, Belmiro de Almeida, F. Monteiro, etc.

III. Reino animal.

1. Esqueleto de mamifero pequeno. 2. Ossos soltos, carne, sebo, sangue. 3. Couros, pello, lã, clina, cerdas. 4. Dentes, chifres, conchas. 5. Escamas, pennas. 6. Ovos e bicos de algumas aves. 7. Esqueletos de outros vertebrados. 8. Objectos fabricados de productos animaes, como botões, pentes, velas, etc. 9. Abelha, colmeia, mel, cera. 10. Bicho de seda e seus productos. 11. Pequenas collecções de insectos, preferindo-se os

exemplares dos uteis. 12. Ninhos, casa de João de Barro, caixa de maribondo, etc. 13. Quadros de anatomia humana. 14. Quadros da classificação dos animais.

IV. Reino vegetal.

1. Folhas e flores em herbario. 2. Collecção de sementes. 3. Amostras de madeira. 4. Algodão, linho e canhamo, fios e tecidos. 5. Trigo, qualidades, espiga, farinha, pão, massas. 6. Milho, qualidades, espiga, sabeto, farinha, fubá, farello, maisena. 7. Feijão, variedades. 8. Arroz, beneficiado e em casca, farinha, fubá. 9. Mandioca, farinha, polvilho, biscoito. 10. Canna e beterraba, seus productos. 11. Café, em côco, beneficiado, torrado, moido, amostras das diversas qualidades e typos. 12. Chá, erva matte e cacau. 13. Uva e seus productos. 14. Oliveira, azeitona, azeite doce. 15. Côco da Bahia. 16. Cravo da India, canela, erva doce, noz moscada e baunilha. 17. Mamona e oleo de ricino, guaraná, ipecacuanha, jaborandy, salsaparrilha, sabugueiro e quina. 18. Borracha, suas applicações. 19. Gutta percha, gomma arabica. 20. Incenso, benjoim e camphora. 21. Anil, caparosa, campeche, açafrao. 22. Junco, vime, piassava, taquara e bambú, suas applicações. 23. Fumo, folhas, cigarro, charuto, rapé. 24. Carnaubeira, farinha, cera, folhas, etc. 25. Bananeira, folhas, flores, fructos, farinha, etc. 26. Castanha do Pará. 27. Pinheiro, fructo, farinha, resina. 28. Sobreiro, cortiça, rolhas.

V. Reino mineral.

1. Granito. 2. Marmore. 3. Argila, telha, tijolo. 4. Cal e areia. 5. Ocre, gesso, cimento. 6. Carvão de pedra e seus productos. 7. Petroleo. 8. Sal. 9. Potassa, sabão. 10. Graphite, lapis. 11. Ardosia. 12. Salitre, enxofre. 13. Ferro e aço, minerios e productos. 14. Cobre, zinco, chumbo, estanho, folha de Flandres, seus productos. 15. Ouro, prata, platina, aluminio, nickel. 16. Mercurio. 17. Imitações de pedras preciosas. VI. Physica. 1. 'Le nécessaire expérimental Chauvet', Libraire Payot et Cie., Paris. VII. Objectos e industrias. 1. Objectos de louça, porcelana, vidro e crystal. 2. Ladrilhos, azulejos, mosaicos, telhas de asbestos. 3. Amostras de tintas usadas para pintura de casa. 4. Utensilios para canalização d'água. 5. Collecção de sellos. 6. Papel e suas applicações. 7. Ferramentas e machinas de lavoura, em miniatura. 8. Amostras de adubos chimicos. 9. Desenhos ou miniaturas de meios de transporte; cavallo, carros, bycicletas, motocicletas, bonde, estrada de ferro, automovel; canoa, barco, navio, submarino; aeroplano.

VIII.

1. Collecções de productos naturaes e industriaes do municipio da sede escolar. (MINAS GERAIS, 1915, p. 21)

No novo plano de direção dos grupos escolares, o diretor apresentou como “[...] indiscutível utilidade a formação de um museu de productos locais [...]”, como meio de tornar conhecida “[...] a riqueza do município, tanto o natural, como o industrial [...]” (SECRETARIA DO INTERIOR, 1918), bem como a galeria de retratos como um recurso para homenagear os “[...] dedicados servidores do progresso local, além de ser um estímulo de aperfeiçoamento para os bons cidadãos” (SECRETARIA DO INTERIOR, 1918).

Estantes, mesas e cadeiras para a biblioteca

No boletim *Vida Escolar*, de 1º de setembro de 1908, uma comunicação informava aos leitores que em breve seria inaugurada a Biblioteca do Grupo Escolar de Lavras. Passado um mês, um artigo sem autoria, denominado “Bibliotheca”, publicado no boletim *Vida Escolar*, de 1º de outubro de 1908, antecipava que o lugar em que se instalaria a biblioteca seria no prédio onde funcionava as aulas do sexo feminino, numa sala bem espaçosa. Qual teria sido o motivo de demora da inauguração da biblioteca? Seria a falta de uma sala própria e materiais como carteiras, estantes e mesas para a sua montagem? Se a data havia sido cancelada, a empolgação em ter uma biblioteca no Grupo Escolar de Lavras era real, sendo que vários livros já tinham sido adquiridos e doados:

A nova instituição do Grupo, pôde-se desde já dizer, vem surgindo auspiciosamente neste nosso benéfico meio social, em que as aspirações vão se encaminhando cada vez mais para o engrandecimento da terra lavrense. Assim é que já se obtiveram para a bibliotheca publicações de grande valor, como entre outras a *Revista do Archivo Publico Mineiro*, a coleção completa da *Revista Illustrada* de Angelo Agostini, a *Historia Geral do Brasil* do Visconde de Porto Seguro, a *Historia Universal* de Cesar Cantú, magnífico presente de um nosso benemerito conterraneo, o *Grande Diccionario Larousse* e o *Novo Larousse Illustrado*, duas obras do valor de 600\$000, para cuja aquisição promptificaram-se a concorrer distintos membros

da sociedade lavrense. De nossa parte, vamos dotar a biblioteca de algumas collecções de folhas locais, grandemente estimaveis por serem unicas. (COSTA, 1908, p. 1)

No parecer do escritor do artigo, certamente Firmino Costa, a biblioteca deveria ter também a função de um “arquivo”, guardando documentos relativos ao município de Lavras, o que demonstrava o conhecimento e o valor que o diretor dava às fontes históricas:

Devendo ser a bibliotheca um repositorio dos documentos relativos á historia deste municipio, muito esperamos da cooperação dos lavrenses para obter tudo que interessar á mesma historia, seja provindo da tradição oral, seja procedente de escriptos publicos ou particulares. Um povo amante do progresso não póde deixar no ouvido o trabalho de seus antepassados, pois foram elles que no transcórre dos annos desbravaram o terreno, em que hoje fructificaram as plantas da civilização. (COSTA, 1908, p. 1)

Tendo uma finalidade educativa, o diretor permitia que outras pessoas da comunidade também usassem a biblioteca do Grupo, dando oportunidade para que muitos pudessem adquirir “conhecimentos” no enfrentamento e no cumprimento do dever. Especificando que o fim último da biblioteca era “[...] colocar bons livros á disposição dos professores e dos alunos [...]” (COSTA, 1908, p. 1), não ficou marcada uma data específica para a sua inauguração.

O início da organização da biblioteca ocorreu em dezembro de 1908, sendo dividida em quatro partes: “Bibliotheca Infantil ‘Custodio de Souza Pinto’; Bibliotheca do professor primario; obras em portuguez; obras em lingua estrangeira” (MINAS GERAIS, 1918, p. 2), com 1.160 volumes.

No relatório de 1909, Firmino Costa, ao referir-se à biblioteca, informo à Secretaria do Interior que esta já se encontrava instalada, dizendo ser de seu empenho “organizar uma biblioteca infantil para uso dos alunos”, com o propósito de obter assinaturas de “algumas revistas e jornaes.” (MINAS GERAIS, 1909).

Os inspetores escolares fiscalizavam também como estava o funcionamento da biblioteca, sendo que, no relatório de 1910, Antônio Baptista dos Santos informou ao Secretário do Interior, Estevão Leite de Magalhães Pinto, que a Biblioteca do Grupo Escolar de Lavras dispunha

“[...] de grande copia de livros didacticos e pedagogicos, de auctores diversos, dentre os quaes se [destacava] o grande dictionario de Larouse.” (SECRETARIA DO INTERIOR, 1910).

A Biblioteca Infantil foi fundada em 1912 e foi instalada “numa sala mobiliada com mesa e cadeiras” (MINAS GERAIS, 1915, p. 14).

Essa biblioteca possuía um acervo de aproximadamente 100 livros, com uma estante especial, na qual os alunos podiam ler à vontade. Essa sala recebeu o nome de “Custodio de Souza Pinto”, doador dos livros que a compunham:

1. Adelina Lopes e Julia Lopes, Contos Infantis.
2. Carmen Dolores, Lendas Brasileiras.
3. Motta Prego, A Horta de Thomé.
4. Carlos Góes, Historias da terra mineira.
5. Olavo Bilac, Poesias Infantis.
6. Virginia Almeida, Lições do André.
7. Sylvio Romero, A Historia do Brasil.
8. Coelho Netto, Alma.
9. Bernardo Guimarães, O Ermitão do Muquem.
10. Julia Lopes e Affonso Lopes, A Arvore.
11. La Fontaine, Fabulas (edição Garnier).
12. Rodrigo Octavio, Festas Nacionaes.
13. Affonso Celso, Porque me ufano do meu paiz.
14. B. de Saint-Pierre, Paulo e Virginia.
15. João do Rio, A alma encantadora das ruas.
16. E. de Amicis, Coração.
17. E. de Amicis, Coração.
18. Julio Verne, Cinco semanas em balão.
19. Daniel de Foe, Robinson Crusoe.
20. José de Alencar, O Guarany. (MINAS GERAIS, 1915, p. 12)

Essa biblioteca possuía um acervo de aproximadamente 100 livros. Esses livros eram voltados mais para os alunos adiantados, e uma lista de todos eles era fornecida para quem quisesse adquiri-los por conta própria, abrangendo as seguintes áreas e objetivos:

Consta de livros de leitura, compendios do curso primario, anthologias, obras illustradas, albuns, narrações de viagens, poesias, almanaques, contos, alguns romances como os de Julio Verne, etc. Tornando conhecido dos alumnos grande numero de publicações apropriadas ao espirito juvenil, a bibliotheca desenvolverá o gosto pela leitura, que é natural se continue depois do curso primario, de modo a habilitar o alum-

no com o melhor meio de prosseguir por si mesmo seu cultivo intelectual no decurso da existencia. (MINAS GERAIS, 1915, p. 12-13)

Firmino Costa, no relatório de 1915, informou à Secretaria do Interior que a frequência à biblioteca havia sido regularizada para o ensino da Língua Portuguesa, sendo que uma professora adjunta fora designada para acompanhar a leitura dos alunos quando eles frequentavam a biblioteca. Em um ofício de 19 de março de 1915, o diretor pediu à Secretaria do Interior livros e publicações para a Biblioteca, e seu pedido foi atendido por Carlos Luz, mas não se especificou quais livros foram enviados.

Inovando e extrapolando o prescrito no regulamento, o diretor Firmino Costa, no relatório de 1916, num item específico denominado “Frequencia da bibliotheca”, apresentou as funções do bibliotecário em reger uma aula de biblioteca:

A frequencia da bibliotheca, organizada como uma aula, será um dos meios mais efficaces de despertar nos alumnos o amor á leitura. Para desde logo attrahir estes á bibliotheca nada melhor do que a iniciativa felis dos norteamericanos, representada pela ‘narradora de contos’, que em hora determinada reúne um grupo de creanças e lhes refere algumas historias. Como regente de aula da bibliotheca, o adjuncto ou adjuncta terá como fim principal fazer que os alumnos se habituem á leitura. (MINAS GERAIS, 1915, p. 14)

No relatório de 1917, Cândido Prado informou à Secretaria do Interior que a Biblioteca do Grupo Escolar de Lavras possuía “[...] mais de mil volumes de obras literarias, cientificas e pedagogicas [...]”, prestando “[...] magnifico auxilio á instrucção da mocidade” (SECRETARIA DO INTERIOR, 1917)

Nesse mesmo ano, um ofício de Firmino Costa foi encaminhado ao Secretário do Interior, pedindo o envio de 12 “carteiras duplas” maiores para mobiliar a biblioteca. Percebe-se por meio desse pedido que a construção e a ocupação de certos espaços no Grupo Escolar de Lavras demoraram meses, e até mesmo anos, para que esse espaço se tornasse efetivo e funcional. Mas, no parecer do diretor, muito mais importante que a estrutura física era a utilização correta da biblioteca para o ensino, fazendo com que os alunos a frequentassem.

Enviado pela Secretaria do Interior, em 1918, a pedido de Firmino Costa para averiguar o plano de reforma instituído no Grupo Escolar

de Lavras, Cândido Prado, depois da visita, referindo-se à sede escolar e a seus arredores, a considerou um museu que deveria proporcionar a escrita da história local e a perpetuação da memória, apontando a biblioteca e o museu do Grupo de Lavras como modelos:

Estes dois uteis melhoramentos podem ser promovidos pelos directores de Grupos, á semelhança dos que já existem no Grupo Escolar de Lavras. É praticavel a sua formação, dependendo da bôa vontade e perseverança dos directores. (SECRETARIA DO INTERIOR, 1918)

Com o crescimento da biblioteca, o diretor apresentou a necessidade de um bibliotecário para o atendimento: “Estas duas instituições escolares, para as quaes o regulamento prescreve nos grupos uma instalação apropriada, precisam de ter um adjuncto encarregado de seu funcionamento, desde que possuem certo numero de objectos.” (SECRETARIA DO INTERIOR, 1918).

A biblioteca deveria funcionar como um centro de formação da infância, permitindo aos alunos a convivência com materiais que nem sempre faziam parte de seu universo. A assistência escolar praticada no Grupo Escolar de Lavras previa, entre os recursos de higiene, o fornecimento de material didático da biblioteca.

Considerações finais

Ao investigar e compreender a implementação dos mobiliários escolares na instalação do Grupo Escolar de Lavras, percebeu-se que espaço e mobiliário estão intrinsecamente relacionados. Para um determinado espaço exigiu-se um mobiliário específico, como no Museu e na Biblioteca que aqui foram abordados.

A Reforma de 1906 que instituiu os Grupos Escolares não foi garantia de que a materialidade prescrita nos regulamentos acontecesse de forma efetiva, o que pode ser comprovado pela demora e precisão nos envios de mobiliários e até mesmo pela disponibilidade de espaços na função para a qual foram disponibilizados.

Por meio dos mobiliários escolares, percebe-se uma racionalização dos espaços e um ordenamento corporal, com práticas pedagógicas que pretendiam educar, formar e, até mesmo, instruir de forma mais contextualizada e concreta.

Referências

- COSTA, F. **O ensino popular**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1913. 108p.
- COSTA, F. **Vida Escolar**, [S.l.], v. 1, p. 1, 1 maio 1907.
- COSTA, F. **Vida Escolar**, [S.l.], v. 1, p. 1, 15 out. 1907.
- COSTA, F. **Vida Escolar**, [S.l.], v. 1, p. 4, 15 maio 1907
- COSTA, F. **Vida Escolar**, [S.l.], v. 2, p. 1, 1 out. 1908.
- COSTA, F. **Vida Escolar**, [S.l.], v. 2, p. 2, 15 jul. 1908.
- COSTA, F. **Vida Escolar**, [S.l.], v. 2, p. 2-3, 15 set. 1908.
- FARIA FILHO, L. M.. **Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. Passo Fundo: UPF, 2000.
- FARIA FILHO, L. M.; BASTOS, M. H. C. (org.). **A Escola Elementar no Século XIX: o método monitorial/mútuo**. Passo Fundo: EdiUPF, 1999.
- FARIA FILHO, L. M. Escolarização, culturas e práticas escolares no Brasil: elementos teóricos-metodológicos de um programa de pesquisa. *In*: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (org.). **Disciplina e integração curricular: histórias e políticas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- GATTI JÚNIOR, D. Reflexões teóricas sobre a história das instituições educacionais. **Revista Ícone – Centro Universitário do Triângulo**, [S.l.], v. 6, n. 2, jul.-dez. 2000.
- JORNAL MINAS GERAES, Minas Gerais, 8 fev. 1918.
- MINAS GERAES. **Decreto nº 1970, de 3 de janeiro de 1907**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1907
- MINAS GERAIS. (Estado). **Decreto n. 1.960, de 16 de dezembro de 1906**. Regulamento do ensino primário e normal – Administração João Pinheiro da Silva. 1906.
- MINAS GERAIS. (Estado). **Decreto n. 7.970-A, de 16 outubro de 1927**. Aprova o regulamento do ensino primário; Decreto n. 8.162, de 20 de janeiro de 1928. Aprova o regulamento do ensino nas escolas normais. [1927].

MINAS GERAIS. (Estado). **Decreto n. 8.094, de 22 de dezembro de 1927.** Instruções e Programas do Ensino Primário do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1927. 406p.

MINAS GERAIS. (Estado). **Leis, decretos, etc. Lei n. 434, de 28 de setembro de 1906.** Autoriza a reforma do ensino público. Minas Gerais (estado), [s.n.t.].

MINAS GERAIS. (Estado). **Relatórios dos diretores de grupos escolares.** Minas Gerais: Arquivo Público Mineiro, 1905/1918.

RESENDE, F. M. O método intuitivo em Minas Gerais na primeira república. *In*: LOPES, A. M. B. M. *et al.* (org.). **História da educação em Minas Gerais.** Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002. p. 440-49.

SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2829, 1907.

SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3346, 1910

SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3713, 1917.

SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3790, 1918.

SOUZA, R. F. **Templos de civilização:** a implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SOUZA, R. F.; VALDEMARIN, V. T.; ALMEIDA, J. S. **O legado educacional do século XIX.** Araraquara: Fundação Editora da UNESP, 1998.

VAGO, T. M. V. **Cultura escolar, cultivo de corpos:** educação física e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

Recebido em: junho/2020

Aceito em: setembro/2020